

Memória do Programa de Formação Continuada em Educação Popular



Foto do arquivo DIVCO-UFU

Encontro de Educação Popular, Anfiteatro Bloco B - Campus Santa Mônica, 2002.

Tendo em vista a necessidade de registrarmos o desenvolvimento do Programa de Educação Popular em 2003, produzimos um relato sucinto das atividades realizadas. Ressaltamos que as sínteses das palestras foram elaboradas pela Coordenação do Programa de Educação Popular.

I ENCONTRO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO POPULAR

- *Local:* Campus Santa Mônica, Anfiteatro do Bloco B
- *Data:* 24/05/03
- *Horário:* 8h às 12h
- *Tema:* Ciência, Tecnologia e Sociedade

PARTE I

- *Cerimonial:* Alex Medeiros de Carvalho
- *Abertura:* Apresentação de dados de pesquisa divulgada no site da PMU/2003 sobre a distribuição/concentração de renda em Uberlândia
- *Tipo de Atividade:* Palestra
- *Composição da mesa:* Prof. Ms. Eduardo Macedo de Oliveira (Vice-Diretor da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia e Membro da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia) e Prof. Dr. Crodowaldo Pavan (Biólogo e Geneticista, Professor do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo, Membro e Ex-Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/SBPC)

PARTE II

Síntese

O Prof. Pavan inicia a palestra parabenizando o Programa de Formação Continuada em Educação Popular e destacando o seu grande significado: “(...) *É uma das coisas mais fantásticas que existe no Brasil.*” O palestrante afirma que, nesta oportunidade, retomará parte de uma outra palestra proferida na Academia de Ciências do Vaticano, intitulada “Ciência, Sociedade e o Futuro da Espécie”. Ele esclarece que se utiliza de indagações colhidas numa tarde em que vasculhava as anotações de computador de um amigo e encontrou o seguinte: “*O universo é muito grande, a terra, o céu, as estrelas. E eu não tenho idéia do que estamos fazendo aqui!*”. Segundo o Prof. Pavan, está contida nessa expressão uma grande questão que tem preocupado uma boa parcela da humanidade e possibilitado o interesse, ou interessantes respostas, até de pensadores de renome.

O *homo sapiens*, ele afirma, é uma espécie de ser vivo cujas características não são encontradas em nenhum outro ser vivo do nosso planeta. No passado, o homem chegou a ser colocado no centro do paradigma da criação - conceito, ainda hoje, aceito por alguns. Infelizmente, o papel do ser humano como parte do universo é ignorado em discussões de paradigmas científicos e muito pouco discutido fora delas. Nós, indivíduos humanos, somos simples componentes de um complexo maior denominado *homo sapiens*.

Nesse sentido, nossa função principal como humanos é cooperar com a perpetuação da espécie, destaca o palestrante. Na realidade, as espécies podem desaparecer por acidentes planetários, erros de percurso de seus sistemas genéticos ou por faltas/falhas no meio ambiente. Os indivíduos são temporários e, portanto, mortais.

Ressalta ainda, o expositor, que nosso dever aqui é proteger a espécie para ela não desaparecer, pois cada um de nós irá morrer, mas a nossa espécie não é mortal. O indivíduo morre e a espécie fica. No fundo, nós também somos imortais na medida em que nossa participação na espécie também permanece com ela. Nós fizemos tudo para manter a espécie viva, apesar de que não é isso que vem acontecendo.

Conforme o Prof. Pavan, cada um de nós é um ser único: não existiu outro igual no passado, não existe no presente e não existirá no futuro. Nesse aspecto, quando questionado sobre a clonagem por um participante do evento, o palestrante afirma que o *clone* é um ser igual em genes, mas vai ser outro indivíduo. Na espécie humana, há herança genética e herança cultural (que só existe para o homem). Os genes, segundo ele, nos dão potencialidades, mas estas informações não podem ser iguais para todo mundo. Logo, não há dois indivíduos iguais; perpetuamos o genótipo, mas não o fenótipo. Dependemos dos nossos genes e do meio ambiente, mas dependemos também de uma série de condições aleatórias, que cada um recebe de forma diferente e que surge em nossas vidas desde nossos ancestrais. Ele reforça: “(...) *Se eu fosse religioso, diria que nós deveríamos colocar as mãos para o céu por estarmos aqui e nessa situação*”. Mais de 3 bilhões de pessoas, metade da população do mundo (dados da ONU), continua ele, não atingem o nível de humano normal - “(...) *Pessoas incapazes de assimilar o que estou dizendo aqui para vocês*”, simplesmente por falta de alimento, saúde, educação básica na infância e juventude.

“*Humanos normais*”, conforme Pavan, são aqueles que, além de suas condições físicas e fisiológicas, podem desenvolver suas capacidades intelectuais - “*usar o cérebro*”. Não atingem, portanto, a capacidade de “ (...) *pensar no sentido de raciocinar, de ter a possibilidade de chegar ao que nós queremos e termos sucesso na vida*”. Ele afirma que vivemos em uma situação em que, ao contrário de nós pensarmos no quanto é importante mantermos viva nossa espécie, nós fazemos outra coisa, queremos manter apenas o que consideramos nossos semelhantes. “*Isso é um erro que nós devemos mudar*”, destaca ele. E, nessa perspectiva, o Programa de Formação Continuada em Educação Popular é uma demonstração do que precisa ser feito, e não é. Isso porque ainda que tenhamos pessoas como Cristóvão Boarque, por exemplo, querendo ensinar todos a ler e escrever (o que é muito importante), ler e escrever é apenas um instrumento para alfabetização, não é alfabetização. Alfabetizar requer mais do que isto. Se não dermos mais do que ler e escrever, não estamos dando Educação.

Em relação a esse aspecto, o palestrante aconselha os jovens presentes: “(...) *Hoje não basta fazermos o primário, secundário e superior, para ter condição de viver e para competir, nós precisamos continuar nos atualizando pelo resto da vida. E, para isso, precisamos ter uma boa base e, mais do que isso, nós precisamos gostar do que fazemos. Assim, nós nos divertimos, e alguém paga para essa diversão, e não precisamos esperar o fim de semana para descansar. Não devemos tomar o ‘ganhar dinheiro’ como alvo de sua vida - algo que também é importante - , mas devemos pensar em nós e no nosso futuro.*”

Para o Prof. Pavan, a escola, de maneira geral, está errada. Além de ensinar a ler e escrever, deveria verificar o talento interno da pessoa, verificar no que o sujeito deve ser bom e aí sim explorar seu talento. Além de fazer o que gosta, acrescenta ele, é necessário aprender a estudar. E a universidade é o lugar e momento para se fazer isso.

Retomando o tema, o palestrante questiona: “*O que estamos fazendo aqui?*”.

Segundo Pavan, nós devemos fazer alguma coisa pela espécie, pode-se pensar em uma série de outras coisas, fatores religiosos inclusive, mas não se pode esquecer aquele fator. Não para se satisfazer, mas para solucionar problemas que dizem respeito à população humana.

O palestrante cita ainda dois problemas extremamente graves da população humana, e que até parecem absurdo, conforme sua perspectiva. Um deles é a forma irracional com que o homem vem tratando os problemas relacionados ao meio ambiente. Nós devemos entender que o meio ambiente é condição fundamental para nossa sobrevivência, sem ele não há vida. Então, nós, seres humanos, somos parasitas do meio ambiente. Recebemos tudo intacto e, ao invés de darmos o retorno, nós o consumimos/destruímos. Como parasitas, devemos tomar o exemplo dos parasitas na própria natureza. Eles fazem de tudo para não sacrificar o hospedeiro, respeitam a vida do

hospedeiro e não o destroem. Portanto, devemos tratar o meio ambiente como nosso hospedeiro e não tentar destruí-lo como vem ocorrendo - explica o palestrante.

Outro problema, destaca o Prof. Pavan, é a vergonhosa e injusta desigualdade social no mundo como um todo e mesmo dentro de um país. Existe uma desigualdade entre grupos que é um absurdo e não tem o menor sentido. Porém o argumento é “se eu trabalhei e conquistei algo, não tenho nada a ver com quem não o tem”. Isso não é verdade! – enfatiza o palestrante. O problema é que é preciso dar chance ao pobre, ao ignorante, ao não culto, porque, da forma como ocorre hoje, sem dar educação, saúde, alimentação básicas, como já foi colocado, não é possível compararmos uns aos outros, e este é o ponto grave!

O Prof. Pavan adverte que não precisamos dar esmolas para os excluídos, mas é preciso dar oportunidades para que eles possam reagir. Encerrando sua exposição, o palestrante coloca-se à disposição para responder a questões ou discutir divergências; e reforça ainda que o Programa de Formação Continuada é uma das ações que precisam produzir efeito e que dever ser parabenizado.

II ENCONTRO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO POPULAR

- *Local:* Campus Santa Mônica, Saguão da Biblioteca
- *Data:* 14/06/03
- *Horário:* 8h às 12h
- *Tema:* Alfabetização Digital

PARTE I

- *Cerimonial:* Denize Donizete Campos Rizzoto
- *Abertura:* Grupo *Pé de Bode*
- *Tipo de Atividade:* Exposição Dialogada
- *Composição da mesa de trabalhos:* Prof^a Dr^a Maria de Fátima Ramos de Almeida e João Francisco Natal Greco (Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS - Universidade Federal de Uberlândia) e Prof^o Dr. João Cândido Lima Dovicchi (Professor da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia)
- *Presenças destacadas:* Vereador Gilberto Neves e Assessoria do Deputado Gilmar Machado

PARTE II

Síntese:

O Prof. João C. L. Dovicchi inicia a exposição dialogada problematizando a expressão “alfabetização digital”. Para ele, a chamada “alfabetização digital” é um problema que deve ser visto, primeiramente, do ponto de vista social. Nos dias de hoje, todos somos obrigados a usar cartões magnéticos, terminais eletrônicos de bancos, telefones de teclas etc. Conforme sua percepção, achamos muito natural que tais mudanças ocorram em nosso dia-a-dia, não questionamos se fomos ou não instruídos a respeito de como utilizar estes controles. Na base da relação “tentativa-e-erro”, aprendemos a usar o microondas, acertar nosso despertador digital, selecionar canais da televisão ou do aparelho de som por controle remoto e tudo mais. Mas

quando se trata da escola, a tecnologia parece ser um “bicho-de-sete-cabeças”. Existe uma redoma que protege a escola e seus atores desta “invasão” tecnológica. Então, questiona o Prof. Dovicchi, porque o medo da tecnologia dentro da sala de aula? Por quem e de que se protege o sistema de ensino da apropriação tecnológica?

A tecnologia está aí, declara o Prof. Dovicchi. Temos que aprender a conviver com ela como aprendemos a conviver com refrigeradores, liquidificadores e outros eletrodomésticos. Mas o mais importante, neste contexto, é que a humanidade possa ser a principal beneficiária da ciência, não apenas de seu produto tecnológico. O vínculo da sociedade com o produto da ciência é, hoje, utilizado para modelar a sociedade na dependência do sistema econômico.

Para o expositor, enquanto não se desmistificar a ciência e colocá-la a serviço da humanidade, não se consolidará o sonho de liberdade e cidadania. Quando se fala em desmistificação, não se trata de mera transferência de tecnologia para a produção de conforto para uns poucos eleitos. A ciência e o conhecimento têm que ser estabelecidos como patamar de conquista da sociedade e não de um grupo seletivo de cientistas. Caso contrário, não sairemos do lugar e estaremos sob controle de alguns, cujo interesse é, certamente, contrário aos anseios de liberdade e de democracia.

Do ponto de vista social, a tecnologia permite oferecer oportunidades de aprendizagem individualizada, atender a mais pessoas, respeitar o ritmo de cada aluno. A utilização de recursos de comunicação via computador, por meio da rede Internet, e, em um futuro próximo, via celular ou televisão interativa, possibilitará a maximização de recursos financeiros e o acesso do aluno a fontes de informação variadas e múltiplas, transnacionais e transculturais.

Palavras importantes:

- inclusão digital; inclusão tecnológica; sistema de ensino; sociedade da informação; tecnologias da informação e comunicação; velocidade de comunicação; processamento paralelo; mundo digital e visão fragmentada; labirinto de fios; escola contemporânea; tecnologia do futuro.

João Dovicchi: um eterno apaixonado pela natureza e pela tecnologia, gosta de vinhos e de andar de bicicleta. Graduado em Biologia, Bioquímica. Mestre em Artes pela USP e Doutor em Engenharia Elétrica pela UFU.

PARTE III

Debate: as questões foram encaminhadas à mesa por escrito e respondidas pelo palestrante.

12h – Encerramento

III ENCONTRO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO POPULAR

- *Local:* Campus Santa Mônica - Anfiteatro Bloco B
- *Data:* 28 de junho de 2003
- *Horário:* 8h às 12h
- *Tema:* Alfabetização e Letramento

PARTE I

- *Cerimonial:* Bruna Alves Silveira
- *Abertura:* Contação de Causo - “Zé Matuto”, personagem criada por Simone Silveira.
- *Tipo de atividade:* Exposição dialogada
- *Composição da mesa:* Mediadora: Prof^ª. Raquel Melo Peixoto, Supervisora do Centro Estadual de Educação Especial de Uberlândia – CEEU. Expositoras: Prof^ª. Ms. Lucimar Divina Alvarenga Prata - Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia - e Prof^ª. Dra. Sônia Maria Santos – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

PARTE II

Síntese:

Cada expositor dispôs de 30 minutos para sua apresentação. Antes, entretanto, a título de motivação para as reflexões acerca do tema, foi lido o poema “O que é letramento”:

Magda Soares

*Letramento não é um gancho
Em que se pendura cada som enunciado,
Não é treinamento repetitivo
De uma habilidade,
Nem um martelo
Quebrando blocos de gramática.
Letramento é diversão
É leitura à luz de vela
Ou lá fora, à luz do sol.
São notícias sobre o presidente,
O tempo, os artistas da TV
E mesmo Mônica e Cebolinha
Nos jornais de Domingo.

É uma receita de biscoito,*

*Uma lista de compras, recados colados na
geladeira,
Um bilhete de amor,
Telegramas de parabéns e cartas
De velhos amigos
É viajar para países desconhecidos,
Sem deixar sua cama,
É rir e chorar
Com personagens, heróis e grandes
amigos.
É um atlas do mundo,
Sinais de trânsito, caças ao tesouro,
Manuais, instruções, guias,
E orientações em bulas de remédios,
Para que você não fique perdido.
Letramento é, sobretudo,
Uma mapa do coração do homem,
Um mapa de quem você é,
E de tudo que pode ser.*

Expositora: Prof^a Ms. Lucimar Divina Alvarenga Prata

Segundo a Prof^a Lucimar, pensar em alfabetização implica necessariamente numa reflexão sobre o caráter artificial com que a leitura e escrita vêm sendo trabalhadas na escola. A aprendizagem da leitura e da escrita continuam sendo tratadas, apesar de todas as discussões teóricas, como aquisição de uma técnica desvinculada de seu conteúdo e de sua função social. Essa forma de a Escola tratar a escrita e mais o fato de a maioria dos alunos da escola pública ser proveniente de famílias que pouco utilizam a escrita têm contribuído para o fracasso dessa aprendizagem e para a existência de dificuldades de compreensão de leitura e de produção de textos escritos, comenta a Prof^a Lucimar.

Como pensar uma proposta pedagógica que contribua para a formação de leitores e escritores competentes, capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes? Essa, com certeza, não é uma tarefa muito fácil, pois implica, necessariamente, numa prática pedagógica pela qual nossas crianças entendam, desde o início, o que é a escrita, as maneiras possíveis de escrever, a arbitrariedade dos símbolos, a convencionalidade, as relações variáveis entre letras e sons. Esse entendimento é também necessário para a aprendizagem da leitura, conclui a Prof^a Lucimar. Acreditamos, continua a expositora, que uma prática pedagógica, na perspectiva do letramento, deve ser pautada em atividades que privilegiem a busca da compreensão de significados e não valorizem apenas a decodificação.

A Prof^a Lucimar comenta ainda que, para nós, professores, cabe o papel fundamental de facilitar e encorajar as crianças nos caminhos da leitura dialógica, que abre espaço para as diversas leituras de mundo e, conseqüentemente, se abre também espaço para o processo natural da leitura da palavra. Para concluir, a expositora lembra um pouco de Paulo Freire, ao dizer que, se a leitura do mundo precede a leitura da palavra, deve-se incentivar a leitura da “palavra mundo”.

Expositora: Prof^a Dra. Sônia Maria Santos

A Prof^a Sônia inicia sua exposição explicando que seria importante definirmos os temas selecionados para a atividade do dia e sua interseção. Para ela, é necessário estabelecermos o que entendemos por alfabetização. Entre muitas hipóteses de definição do tema alfabetização, poderíamos afirmar que alfabetização é a aquisição da leitura e da escrita, e letramento é a (sócio)construção da leitura e da escrita. A variedade de designação do fenômeno da entrada do sujeito no mundo da escrita deveria ser uma sinônima, mas não é, ressalta a Prof^a Sônia. Ela é bastante significativa no que diz respeito às diferentes abordagens do fenômeno e bastante representativa nos principais embates teóricos e práticos que têm atravessado o cotidiano do/a alfabetizador/a.

Conforme perspectiva adotada pela expositora, tradicionalmente, a alfabetização tem sido considerada como um processo de aprendizagem no qual a qualidade da metodologia adotada e os pré-requisitos para a aquisição da escrita são fundamentais para a obtenção de bons resultados. A história da alfabetização traz outros ícones além do construtivismo. Temos a utilização excessiva da cartilha, a famosa prontidão e, por fim, a formação dos/as alfabetizadores/as. A opção de abandonar a cartilha exige, em primeiro lugar, que se conheça bem como é, o que propõe, o que pretende e, prioritariamente, o porquê de abandonarmos as cartilhas.

Muito se tem falado e escrito sobre os problemas da escola brasileira e sua difícil tarefa de alfabetizar e de iniciar práticas significativas de leitura e escrita para aqueles que delas são excluídos, uma vez que vivemos numa sociedade altamente letrada, afirma a expositora. O que significa essa terminologia?

Conforme explicação da Prof^a Sônia, letramento é uma palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas. Essa palavra surgiu no discurso dos especialistas

dessas áreas, na segunda metade do decênio de 1980, e adquire, continua ela, múltiplas funções e significados, dependendo do contexto que é desenvolvido, isto é, da agência de letramento por ele responsável. Por exemplo, as instituições políticas são as mais efetivas de letramento. Os políticos, líderes sindicais ou sujeitos não alfabetizados se apropriam muito rapidamente de oralidade letrada quanto a suas características argumentativas.

Para concluir, a Prof.^a Sônia analisa que trabalhar com a concepção de escrita dos estudos de letramento significa acrescentar outras necessidades na formação básica e continuada dos/as formadores/as e também dos/as alfabetizadores/as e, além disso, conhecer o contexto cultural dos alunos e os modos de produção e circulação da grande variedade de textos valorizados pela sociedade contemporânea.

PARTE III

Após as explanações das duas expositoras, houve oportunidade para perguntas, as quais foram dirigidas à mesa e respondidas em blocos de cinco.

IV ENCONTRO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EDUCAÇÃO POPULAR

- *Local:* Anfiteatro do Bloco B – Campus Santa Mônica.
- *Data:* 23 de agosto de 2003
- *Horário:* 8h às 12h
- *Tema:* Educação de Jovens e Adultos

PARTE I

- *Cerimonial:* Vitor Assis Cunha
- *Abertura:* Apresentação musical – Prof^a Adriana Simonassi Damasceno
- *Tipo de atividade:* Exposição dialogada
- *Composição da mesa:* Prof. Ms. Eduardo Macedo de Oliveira – Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia. Palestrante: Prof^a Dr^a Célia Maria Benedito Giglio do Centro Universitário Fundação Santo André.

PARTE II

Síntese:

Após a abertura dos trabalhos, feita pelo Prof. Eduardo Macedo, a Prof^a Célia se apresentou e teceu comentários acerca de seu trabalho e de seu envolvimento com projetos e programas na área de Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Em seguida, iniciou sua exposição situando a educação de jovens e adultos em um contexto mais amplo, não se limitando ao grupo de pessoas que não tiveram acesso à escola.

Em seqüência, a conferencista fez um resgate histórico da educação brasileira desde a época do Império, passando pela República até a Escola Moderna e o modelo de produção capitalista. Destacou ainda o papel da escola enquanto agência educativa, caracterizando cada escola em sua respectiva época e contexto social. Por fim, a palestrante analisou a ausência de sentido observada na educação escolar, hoje, e apontou a necessidade de mudança do modelo da escola

para enfrentar o fracasso escolar.

PARTE III

Trabalho em grupo:

- Os (as) educadores (as) se organizaram em grupos de até 20 pessoas, para que fossem discutidas propostas para a Educação de Jovens e Adultos.
- Cada grupo escolheu um relator para expor suas considerações.

Propostas apresentadas pelos grupos:

GRUPO 1

Identificar e valorizar temas atuais e significativos, bem como a diversidade cultural presente no cotidiano do aluno, incluindo-os no currículo escolar.

GRUPO 2

- Identificar a realidade sócio-econômica da clientela escolar.
- Montar cooperativas para pensar junto com a comunidade as formas de sobrevivência.

GRUPO 3

- Convidar a comunidade escolar para participar das soluções das problemas escolares.
- Promover eventos culturais, criando vínculos de amizade e de interação no interior da escola (concepção e escolha coletivas).
- Realizar pesquisa para o levantamento da escolaridade dos familiares dos alunos e suas respectivas profissões e atividades desenvolvidas, com objetivo de divulgar amplamente estas atividades (serviços) à comunidade.
- Disponibilizar salas ociosas das escolas públicas para cursos e estudos.

GRUPO 4

- Promover parcerias entre escola, família e comunidade.
- Implementar o projeto “Cantando com a vovó”.
- Promover o resgate de brincadeiras, cantigas, receitas culinárias.
- Divulgar em toda a comunidade escolar os projetos que obtiveram sucesso.

GRUPO 5

- Fazer com que a construção dos valores tenha como base o coletivo, valorizando não o individual, mas, sim, o todo.

GRUPO 6

- Incentivar a comunidade a participar da implantação do Projeto Político Pedagógico por meio da realização de bazares, feiras de conhecimento e cooperativas.

GRUPO 7

- Fomentar a troca de saberes e fazeres entre escolas, famílias e comunidades.

PARTE IV

Após as apresentações, a Prof^a Célia encerrou suas atividades lembrando a todos que as ações apresentadas pelos grupos revelaram um quadro que nos retrata a existência de problemas comuns, e que, devido a isso, devemos promover ações, atuar politicamente na educação, criar e construir, não esperando que terceiros façam isso. Por fim, afirmou que todos somos responsáveis pela adequação entre teoria e prática.

ENCERRAMENTO

O Prof. Gabriel Humberto Muñoz Palafox – Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis – encerrou o encontro com as seguintes palavras: “(...) *Nós precisamos perguntar sempre até que ponto nossas propostas carregam contradições e mecanismos de reproduções. Um dos fundamentos da educação libertadora é questionar nossa prática.*”

Também foi lido o poema abaixo, escrito por uma integrante do grupo I:

EXILADOS DA EDUCAÇÃO

Daniela Martins

Onde estás, oh, exilada educação
 Capaz de promover a transformação necessária a toda forma de manifestação da população.
 Terá evadido para um lugar distante, inacessível,
 Que nem a vontade possa encontrá-la.
 Por que não procurar transformar?
 A realidade caótica da Educação Escolar nessa vida que ninguém sabe onde vai parar?
 Identificar os temas atuais para tudo valorizar.
 A diversidade cultural necessita manifestar.
 Embora o poder dominante procure sufocar,
 As vozes mais roucas de tanto gritar
 Por uma consciência que se perdeu no ar
 E que cabe ao professor fazer se encontrar.
 E nada mais necessário que aos bens públicos se aliar.
 No sentido de não apenas praticar, mas mudar o pensar.
 Porque viver é hoje, é momento de se mudar.

V ENCONTRO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO POPULAR

- *Local:* Campus Sta. Mônica, Anfiteatro Bloco B
- *Data:* 27/09/2003
- *Horário:* 8h às 12h
- *Tema:* Leitura e Produção de Textos

PARTE I

- *Cerimonial:* Alessandro Medeiros de Carvalho
- *Abertura:* Apresentação musical com Artur Igídio Oliveira e Vinícius
- *Expositora:* Prof^a. Luci Aparecida Sousa Faria - Professora no Município de Campina Verde/MG

PARTE II

Síntese:

A Prof^a Luci Aparecida Sousa Faria iniciou sua exposição convidando os participantes a saudar,
 Revista de Educação Popular, Uberlândia, n.3, setembro, 2004.

com um “Bom dia!”, a pessoa ao lado, abraçá-la e massagear seu rosto. Em seqüência, foi feita a apresentação do vídeo: “Um comte soufi”. A mensagem extraída do filme foi a grande relevância de propostas e ações coletivas, fazendo da educação um projeto diferenciado que, ao ser construído por muitas pessoas, atinge bons resultados. O filme mostrou que acontecimentos inesperados nos trazem diferentes reações, interferindo na harmonia e na tranquilidade costumeiras. Entretanto, esses acontecimentos podem nos proporcionar novos conhecimentos, que surgem pela experimentação, sem temor, como descrito no “Método de Ensino Paulo Freire”.

Em seguida, foi realizada uma apresentação de transparências a partir do livro “O que é Paulo Freire”, na qual a palestrante baseou-se no processo de diálogo com a leitura crítica, tomando como referência a educação voltada para a libertação e conscientização. Nesta linha, surgiram alguns questionamentos referentes à Educação Popular. O que seria? Um nome? Um mito? Um modo de fazer? Um novo sentimento de mundo? Uma nova esperança no homem? Uma nova crença no valor da educação?

Segundo a palestrante, o ler e o escrever, em uma perspectiva mais ampla, possibilitam ao indivíduo o desenvolvimento de um senso-crítico. Cabe, a fim de se obter isso, a busca de diálogo entre educador e educando, tendo como finalidade o ato coletivo, solidário e sem imposição.

Nessa perspectiva deve ser construído o método pedagógico (coletivo) de educação, a partir de reuniões propostas para realizar tais discussões, no entanto, ciente de que nenhum professor é neutro no que faz e no que propõe. Podem ser produzidos métodos diferenciados a partir de componentes como música e poesia, a fim de promover a interdisciplinaridade.

A educação voltada para a conscientização e mediada pelo diálogo vislumbra libertar o homem da dominação imposta pelo modelo de educação tradicional. A conferencista abordou ainda a relação homem/natureza, visando a reciprocidade nos processos de transformação. Para uma reflexão a respeito desse tema, foi distribuída aos participantes a letra da canção “*Planeta Água*”, que foi cantada e comentada pelos presentes.

PARTE III

Após a exposição, a palestrante propôs a divisão da plenária em grupos de trabalho para confecção de cartazes sobre o tema *Água*. Logo em seguida, os trabalhos dos grupos foram expostos por seus representantes.

O encerramento foi feito pela própria palestrante, que, na oportunidade, reforçou a importância da conscientização referente a temas como a água.

VI ENCONTRO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO POPULAR

- *Local:* Campus Sta. Mônica, Anfiteatro Bloco B
- *Data:* 25 de outubro de 2003
- *Horário:* 13h30min às 18h
- *Tema:* Alfabetização Conscientizadora na Educação Popular

PARTE I

- *Cerimonial:* Vitor Assis Cunha
- *Tipo de Atividade:* Palestra

- *Composição da mesa:* Prof. Dr. Arquimedes Diógenes Ciloni (Reitor da Universidade Federal de Uberlândia), Prof. Dr. Gabriel Humberto Muñoz Palafox (Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis) e Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão (Professor de Antropologia e Filosofia da Universidade Estadual de Campinas).

PARTE II

Palestrante: Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão

Síntese

O Prof. Gabriel H. Muñoz Palafox, Pró-Reitor de Extensão Cultura e Assuntos Estudantis, iniciou as atividades dando boas vindas a todos e agradecendo a presença e a contribuição das autoridades presentes: o Magnífico Reitor, Arquimedes Diógenes Ciloni, o Vice-Reitor, Antônio de Almeida, o Secretário Municipal de Educação de Uberlândia, José Eugênio, e a Diretora de Extensão, Gercina Santana Novais. Logo em seguida, Palafox informou a todos sobre o Programa “Brasil Alfabetizado”, que alfabetizou duas mil pessoas e conta com o apoio do Deputado Gilmar Machado, do Vereador Valdir Araújo, da União Educacional de Minas Gerais (UNIMINAS) e da Faculdade Católica de Uberlândia, salientando que a Universidade Federal de Uberlândia foi a primeira universidade federal a aprovar o Programa Brasil Alfabetizado. Na seqüência, o Prof. Gabriel apresentou o Prof. Carlos Rodrigues Brandão, que iniciou sua palestra a seguir resumida.

O palestrante comenta seus livros “Educação Popular na Escola Cidadã” e “Pesquisa Participante”, alegando que, quando lida com a educação popular, o educador sente-se muito mais próximo daqueles com quem trabalha. Brandão lamenta o fato de o Brasil estar em último lugar na escala mundial de distribuição de renda. A desigualdade, que está tomando conta do país, faz com que a população de baixa renda tenha dificuldade de acesso aos serviços. Neste sentido, Brandão ressalta que *“os pobres estão cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos”*.

Dando seqüência à palestra, Brandão cita o exemplo de sua experiência na Universidade Estadual de Campinas, cerca de 20 anos atrás, quando encontrou um operário dizendo que queria entrar no campus da universidade. Brandão disse ao operário que ele poderia entrar, o operário, por sua vez, testemunha que ajudou a construir a UNICAMP, mas, apesar disto, nunca havia entrado nela. Brandão fala sobre os preconceitos de alunos, professores e funcionários que ocupam cargos mais elevados em relação aos funcionários técnico-administrativos e àqueles que trabalham em serviços gerais dentro da corporação. Ilustra essa condição com citação de Vinícius de Moraes e Bertoldo Brech (“Operário em construção”) e revela que, quando escreveu seus livros, se inspirou em poemas desses poetas.

O palestrante recorda com nostalgia sua participação no Movimento de Educação de Base, quarenta anos atrás, e faz uma relação com a situações atuais, em que se juntam a velha e a nova guarda de educadores para discutirem os dilemas da educação popular no Brasil.

Após citar experiências interessantes de educação popular, Brandão fala de seu livro, que trata, dessas experiências, e relata o fato de um professor, que supõe ser da Finlândia, o qual, ao ler os livros de Paulo Freire, recebe suporte teórico para estudar educação popular no Brasil. Em sua fala, o professor afirma que, na América Latina, o Brasil é o país com maior produção científica sobre a Educação Popular, mas que se surpreende pelo fato de serem raras as Faculdades e Universidades que incorporam a Educação Popular ou que ministram a disciplina Educação Popular. O que temos, destaca o professor, é apenas um programa de mestrado em João Pessoa (Paraíba) - o que ainda é insuficiente.

Baseado em Paulo Freire, Brandão afirma que existem alguns programas isolados, mas se restringem a ensinar a escrita e a leitura. Ele alega que esses programas deveriam ensinar o exercício da cidadania, a leitura e a escrita para a vida. Com esse pensamento, o Prof. Brandão entra em confronto com a educação escolar elitista que sustentou as escolas de padres e de caridade, oferecidas à população pobre do Brasil, principalmente aos nossos índios que não eram vistos como pobres, mas que precisavam ser catequizados para serem alfabetizados. Outra vergonha da história do Brasil, por se tratar de um país que chegou a ter de 2 a 3 escravos para cada homem livre, é nunca ter se preocupado, durante todo período da escravidão, em alfabetizar os escravos vindo da África. Dom Pedro II foi quem criou escolas para surdos e cegos no período Imperial. Afirma ainda que, no México, existe uma rede de ensino público de educação para todos os índios do país.

Uma tentativa de se criar um projeto educacional popular no Brasil ocorreu após a Independência, quando se inicia o processo de industrialização, por meio da iniciativa dos imigrantes - muitos desses operários eram anarquistas -, vindos, principalmente, da Itália e da Espanha. Mas essa tentativa não vigora, pois entramos na República sem uma rede pública de educação.

A partir daí, Brandão cita alguns momentos, como a Segunda República e o Estado Novo, em que o país já se encontra em um processo de consolidação da industrialização e urbanização. Faz uma retrospectiva histórica dos vários momentos em que surgiram idéias de construção de um modelo de educação popular. No entanto, o palestrante lamenta a cultura colonialista que reflete valores de modelos existentes na Europa e nos Estados Unidos, os quais procuram desprezar os valores populares para cultivar valores conservadores e de caráter oficial. Tal situação começa a se reverter a partir dos anos 60, com as influências de projetos originalmente chamados de cultura popular, divulgados, sobretudo, por estudantes de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica/RJ e que vão sendo apoiados por um grupo heterogêneo de intelectuais, não apenas de educadores.

Dando seqüência a sua exposição, Brandão cita experiências importantes de Frei Betto na educação popular, as experiências do MST ao comemorar os 40 anos de educação popular e os 80 anos de Paulo Freire, cujas programações foram incluídas na “Semana Paulo Freire”, em todo o Brasil. Brandão editou um livro sobre os “sem terrinhas”, com tiragem de 5000 cópias, “A história do menino que lia o mundo”, no qual relata a vida de Paulo Freire quando criança. Há também uma etapa da trajetória da educação popular em que Frei Betto ocupa um lugar preponderante, porque possui trabalhos interessantes para a divulgação da educação popular. A respeito disso, Brandão afirma que a Rede Globo de Televisão não mostra que o MST é o movimento, no mundo inteiro, que tem mais escolas, uma vez que poucos municípios no Brasil têm tantas escolas quanto o MST, somando mais de 2000. É um dos maiores corpos docentes, inclusive com uma formação belíssima; o MST está preparando uma Universidade Popular chamada Escola Nacional Florestan Fernandes. Brandão informa ainda que está, junto com Rubem Alves, implantando, na humilde cidade de Poços de Caldas, uma Universidade Solidária ligada a essa rede de movimentos populares.

Encerrada a exposição de Brandão, a oportunidade de expressão foi concedida ao Reitor da Universidade Federal de Uberlândia, Arquimedes Diógenes Ciloni, que apresentou o quadro atual das universidades públicas, destacando a insuficiência de recursos financeiros para financiar suas ações.

PARTE III

Debate: O palestrante respondeu tanto a questões enviadas à mesa por escrito quanto questões que as pessoas apresentaram pelo microfone. Concluída essa etapa, o Prof. Gabriel encerrou a

atividade.

OBSERVAÇÃO: A Prof^a Lucimar Divina Alvarenga Prata, representante da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, e o Prof. João Francisco Natal Greco, do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia, cederam seus apontamentos para a redação dessa síntese.

Caso haja interesse, a documentação para consultas, gravação em vídeo e os originais manuscritos, se encontram na Escola de Extensão - Pró-Reitoria de Extensão Cultural e Assuntos Estudantis - e no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia, ambos situados no Campus Santa Mônica.

VII ENCONTRO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO POPULAR

- *Local:* Anfiteatro Bloco B
- *Data:* 22 de novembro de 2003
- *Horário:* 8h às 12h30min
- *Tema:* Encontro de Educadores Populares

PARTE I

- *Cerimonial:* Roney Carlos Garcia e Vitor Assis Cunha
- *Abertura:* Apresentação Cultural - Coral do Centro de Educação Especial de Uberlândia
- *Tipo de atividade:* Relato de Projetos de Pesquisa e Extensão em Educação Popular

PARTE II

Síntese:

A coordenação dos trabalhos foi realizada pela Prof^a Denize Campos Rizzotto, que convidou os participantes do encontro a visitar os painéis em exposição:

Alternativas de desenvolvimento sustentável com desdobramento para as esferas sociais, culturais e educacionais: a experiência de Tapuirama (MG)	Fernando Barbosa Alexandre (Discente – Artes Plásticas/UFU) Tiago Soares Alves (Discente – Educação Física/UFU)
Futuro a mostra	Bruna Alves Silveira Elisângela Martins Rodrigues Maira Prata Jardim
Mídia & História: Uma Proposta de Trabalho para Educação Popular	Gilmar Alexandre Ricardo Felipe Sérgio Daniel

A coordenação do Programa de Formação Continuada em Educação Popular incentivou os (as) educadores (as) para a apresentação e debate dos projetos de pesquisa e de intervenção no campo da educação popular. Este encontro permitiu a troca de experiências entre os (as) educadores (as) populares, a socialização de teorias e práticas em educação popular, bem como a visualização de diferentes ações com foco na educação transformadora. Além disso, esses

tipo de encontro auxilia a construção de uma rede de educadores (as) populares, enfraquecendo o sentimento de solidão dos que se ocupam da elaboração de conhecimentos e relações capazes de mudar a vida.

PARTE III

Para serem apresentados oralmente, os relatos de experiências realizadas por educadores (as) populares foram agrupados por temas, tendo cada apresentador (a) 10 minutos para sua apresentação e mais 5 minutos para o debate.

TÍTULO	AUTORES	MODALIDADE
Tema: Educação de Jovens e Adultos		
Alfabetização de Jovens e Adultos – Ler e Escrever, do Desejo à Necessidade.	Claudinéia Maria de Moura Damasceno – Discente UFU	Comunicado oral
Educação de Jovens e Adultos: Mais que Ler e Escrever	Andreia Pires da Silva e Claudinéia Maria de Moura Damasceno – Discente UFU	Comunicado oral
Tema: Inclusão		
Grupo de Adolescentes Multiplicadores das Escolas Municipais	Eliane Santana Novais – Professora e coordenadora do Grupo de Adolescentes Multiplicadores da rede Municipal.	Comunicado oral
Projeto Social Pedagógico: “O Negro e a Sociedade”	Floriana Rosa da Silva - Discente do curso de História/UFU, integrante do POPULIS e estagiária do CDHIS e Cléia Cristina da Silva Discente do curso de História/UFU	Comunicado oral
Tema: Cultura e Artes		
Alternativas de desenvolvimento sustentável com desdobramento para as esferas sociais, culturais e educacionais: a experiência de Tapuirama (MG)	Fernando Barbosa Alexandre - Discente do curso de Artes Plásticas/UFU e Tiago Soares Alves - Discente Educação Física/UFU	Comunicado oral e Painel
A Música como Proposta Interdisciplinar na Sala de Aula	Terezinha Andrada Ferreira Universidade Federal de Uberlândia	Comunicado oral
Literatura Infantil e Produção de Textos: Os Contadores de Histórias de Nossa Região (Relato de Pesquisa)	Sandra Diniz Costa – Profª de Língua Portuguesa e Lingüística - UFU	Comunicado oral
Oficina de Mamulengo: arte de fazer e manipular bonecos	Cristiane Márcia de Oliveira Cruz – Graduada em Pedagogia/UFU e Rosilane Cristina da Oliveira – Discente Pedagogia/UNIT	Comunicado oral
Adentrando no Mundo das Artes	Drucila Milian de Souza - Discente Curso Artes Plásticas/UFU	Comunicado oral

Tema: Conteúdos – Disciplinas e Métodos Escolares		
Informática e Novas Tecnologias na Educação Matemática de Jovens e Adultos	Douglas Silva Fonseca - Discente do Curso de Matemática/UFU - e Arlindo José de Souza Júnior - Professor da Faculdade de Matemática /UFU	Comunicado oral
Projeto Ciência Cidadã: a ciência a serviço da educação para a cidadania	Márcia Cristina Tannús – E.M. Eurico Silva – Gizelda Costa da Silva Simonini – UNIPAC/Udi - e Maria de Fátima Ramos de Almeida – Docente UFU	Comunicado oral
Contexto: Um Caminho Metodológico que deu Bons Resultados	Carla Barbosa- Ameduca Complexo Educacional	Comunicado oral
Tema: Pré-Vestibulares		
Experiência em Educação Popular	Roberto José da Cruz – Discente do Curso de Química/UFU	Comunicado oral

PARTE IV

Após a apresentação dos relatos de experiência, a Prof^a Gercina Santana Novais, Diretora de Extensão, e Elaine Maria Silva Miranda, Técnica-administrativa, promoveram a apresentação e o lançamento da **Revista de Educação Popular – número 2 – janeiro a dezembro de 2003**. Logo em seguida, o professor Gabriel Humberto Muñoz Palafox encerrou o encontro.

Observação: A síntese dos projetos comunicados encontra-se na seção intitulada “Registro de Experiências Sínteses de Experiências - de Uberlândia e Região”.